PQ9261
.C3
Z9
1925

Fanny Owen e Camilo

Vila-Moura, Bento de Oliveira Cardosa e Castro, visconde de, 1877-

UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA

BOOK CARD

Please keep this card in
book pocket

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

LUX
LIBERTAS

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9261
.C3
Z9
1925

MAR 1 4 1973

This book is due at the WALTER R. DAVIS LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.
FEB 18 1993			
	NOV 23 '92		

Reservados todos os direitos de reprodução nos países que aderiram à Convenção de Berne; Portugal: Decreto de 18 de Março de 1911; Brasil: Lei n.º 2577 de 17 de Janeiro de 1912.

Emp. Ind. Gráf. do Pôrto, L.da

R. Mártires da Liberdade, 178

FANNY OWEN E CAMILO

DO AUTOR

CONTOS, NOVELAS, ROMANCES

Doentes da Beleza.
Boémios.
Obstinados.
Nova Safo.
Os Últimos.
Pão Vermelho.
Um homem de treze anos.
Cristo de Alcácer.
Calvário de um violento.
Almas do Mar.
O Imaginário.
Irmã das Árvores.
Uma família de Ibsen.
Luz Fremente.
«Palma Mater».

OUTRAS OBRAS

A moral na Religião e na Arte.
A Vida Mental Portuguesa.
Vida Literária e Política.
Camilo Inédito, anotado.
António Nobre.
Grandes de Portugal (com A. Carneiro).
Fialho d'Almeida.
Fany Owen e Camilo.
Cinzas de Camilo.

PQ 9261
.C3
Z9
1925

VISCONDE DE VILA-MOURA

R.C.

Fanny Owen e Camilo

II EDIÇÃO – 1.º MILHAR

EDIÇÃO DE
A «RENASCENÇA PORTUGUESA»
PORTO

A TEIXEIRA LOPES

Para que na última demão do seu projecto de monumento a Camílo se não esqueça de incluir, entre os dolorosos baixo-relevos da sua *maquette*, a suave e desgraçada figura de Fanny Owen.

FANNY OWEN

FANNY OWEN E CAMILO).

«Tenho aqui as cartas de José Augusto. Através de tantas borrascas, nem vaga nem refega de vento mas levou. Memórias preciosas da minha mocidade, cartas que me seriam estímulo hoje a prantos consoladores, tudo rasguei, tudo deixei ir na caudal da torrente suja onde me emergi, tudo, menos as cartas do meu amigo, do mais infeliz homem que ainda conheci! Agora, olho para êste papel amarelado, para êstes caracteres desmaiados, para a orla da fôlha em que penso ver o sinal dos dedos que a voltaram... Que tristeza! que pregão do outro mundo me estremece e confrange!»

(Camilo Castelo Branco. — *No Bom Jesus do Monte*).

ERA da casa do Lodeiro, de Santa Cruz do Douro, (Baião) — José Augusto Pinto de Magalhães, uma das mais extravagantes figuras dos dramas de Camilo, porventura o primeiro da sua galeria de *Funestos*, um dos que melhor e mais dor emprestaram à sua época, imolando-se-lhe absolutamente.

Quando, por 1848, desceu ao Pôrto, a desbaratar mocidade, levava o coração cheio dos preconceitos dêste difícil retalho de província, então o mais entranhado de convencionalismos.

Fàcilmente recebido nos melhores salões

do tempo, foi num dêles que conheceu a Família Owen, dando desde logo pela distinção e pelos encantos de Fanny e de sua irmã Maria, das quais se fez vizinho, indo habitar uma casa junto da sua residência em Vilar do Paraíso, a poucos quilómetros do Pôrto.

Entanto apareceu Camilo.

Foi justamente ao tempo em que José Augusto, fingindo atender a côrte de Maria Owen, amava em silêncio Fanny. Resolveu-se o escritor a seguir o exemplo do seu amigo, indo também viver para Vilar do Paraíso, onde imediatamente foi apresentado às senhoras Owen. Ora a sua presença em casa delas levantou tão dolorosas suspeitas no coração de José Augusto que êste, num momento de desespêro, disse-lhe um dia desabridamente:

—Se alguém amasse Fanny... matava-o!

E, contudo, Fanny, quási não dava, ao tempo, pelas intenções de qualquer dêles...

Das suas memórias mal sobressai, como uma figurinha de Watteau, vagabundeando, por entre tabuleiros de rosas em Vilar do

Paraíso, e, zelando, por mero instinto de beleza, o seu jardim; de resto, alheia a tudo.

Tanto Camilo como José Augusto a conheceram em 1849. Camilo reparou estranhamente nela.

Se não digo que a amasse com o ardor que, no geral, dava às suas paixões, é que jamais ela podia ser uma figura definitivamente escolhida pelo seu temperamento, embora êle no-la descreva, com invulgar entusiasmo, ao colhêr, mais tarde, das reminiscências dêsse tempo a lembrança das suaves tardes passadas a seu lado em Vilar do Paraíso, e de quando êle não só lhe oferecia versos, mas, mais ainda, por sua causa, se afastara de José Augusto.

Êste é pouco depois convidado pelo coronel Owen, a explicar sua assiduïdade em Vilar.

Então — informa Camilo — pela primeira vez José Augusto se resolveu a escrever a Fanny.

Entendemos que isto não é exacto. Se-

gundo o romancista teria sido pouco antes da fuga, em 1852, que os dois se declararam. A carta, adiante transcrita de José Augusto a Manuel Negrão, e que bem por certo a Fanny se refere, prova precisamente o contrário.

Entretanto, começa ali o drama.

Maria Owen pressente tudo; sabe da preferência de José Augusto pela irmã e contraria-os de todo o modo. Daí os primeiros desgostos dos três apaixonados; depois o irremediável: — a fuga de Fanny, que José Augusto faz conduzir, com dificuldade, para Santa Cruz.

Levantou o maior ruído a casual aventura. E, apesar de tudo, o seu sucesso não chegou para os alviçareiros!

Soube-se, por acaso, que um espanhol possuía cartas de Fanny; Camilo vai procurá-lo e pede-lhas.

A seguir trespassa-as a Marcelino de Matos, e êste, por sua vez, remete-as a José Augusto!

Camilo protesta contra o rumo por Marcelino dado às cartas, e que obtivera, explica

No Bom Jesus do Monte, exactamente para cancelar uma calúnia e instruir o que, sobretudo, elas exprimiam: — a inocência da signatária!

José Augusto é que jamais perdôa ou esquece que ela tivesse escrito a *outro;* além de que numa das cartas Fanny ousara confidenciar ao espanhol «que não tinha encontrado ainda pessoa que a compreendesse!»

Eis o crime. Pobre Fanny!

Casaram os fugitivos depois que, romanescamente, os amigos de José Augusto reüniram num arrabalde do Pôrto, e deliberaram, em conselho de honra, que êles podiam casar.

Resolveu-se o casamento. Nem para o acto saíram do Lodeiro!

A casa do Lodeiro, a meio da freguesia de Santa Cruz, perto da matriz, é um edifício pequeno, no geral relentado das nebrinas do Douro, quási sem fisionomia — uma casa comum, de compartimentos estreitos, um

balcão ao sul e a capela a meio, rematando em outão o friso mal tratado da cantaria.

A convivência dos noivos reduzia-se a pouco: a Raimundo Borges e à mulher. Raimundo Borges era um irmão de José Augusto, o representante da casa e, como êle, um megalomaníaco, um preocupado, tanto da sua prosápia, como da sua lenda,— a lenda romântica, que era sinal de distinção das raças finas àquele tempo, e êle cultivava escrupulosamente.

A mulher dêste, D. Josefa Clementina Teixeira Pinto, era criatura no género de quási todas as senhoras provincianas suas contemporâneas, pessoa estimável, de trato acanhado, a alma simples.

Completavam o rol das visitas da casa — os demais parentes de José Augusto, que, de longe, uma ou outra vez, apareciam a cumprimentá-lo, e mais dois ou três padres vizinhos.

A freguesia de Santa Cruz, que Eça de Queirós repintou das suas exageradas tin-

tas, oferece aspectos tristes a quem aí vive sempre, e mais os devia ter para Fanny e José Augusto, que nunca poderiam dar pelas «doçuras luminosas» que o romancista ali se deu a ver.

Quantas tristezas não encontraria em Santa Cruz a pobre Fanny?

Ela, que aos vinte e três anos se encontrou fechada naquele convento de serras, mais as saudades da sua ermida da beira-mar, tendo contra si tudo: o marido, o silêncio da família que lhe devolvia as cartas fechadas; não só perdida na cerração da sua mágoa, mas obrigada a descrer da sua própria pureza, como dos seus encantos, e sempre descondensando a alma em lágrimas silenciosas, à conta do equívoco de um delito inatingível,— sem uma alegria, uma esperança, um confidente sequer. Nada mais que o preságio do fim!

Eis a verdadeira situação da mulher de José Augusto, a par da sombra do marido, zelando-a; torturando-a com sua assistência fria, por sua vida de ressentimentos junto

dela, e isto à conta de um imaginário desfalque do seu coração ([1]).

Porque o drama de Fanny é principalmente um drama de silêncios. Tanto ela como José Augusto são os comparsas, feridos de morte por um preconceito de honra, e, no entanto, sempre duas vítimas educadíssimas.

Debalde se procurará, no rastro dos poucos meses da sua convencional união, um mo-

([1]) Eis como Camilo se refere ao rapto de Fanny:

—«Quando transpuseram (Fanny e J. Augusto) um côrrego vizinho da casa, escreve o romancista, o cavalo rebelão, assustado pelo frémito dos vestidos de Fanny, arremessou-se em trancos e galões por um declive pedregoso e intransitável. O cavaleiro largou Fanny para salvá-la da maior queda e foi logo cuspido do selim. O cavalo, resfolgando braveza, atirou-se às cegas por entre os pinhais:—seria desnecessário segui-lo. Neste momento escondeu-se entre nuvens a lua, que havia nascido meia hora antes. José Augusto orientou-se na direcção que devia seguir, com tamanho desacêrto que, às quatro horas da manhã, ia caminhando para Ovar, direcção oposta. Guiado pelas peixeiras que encontrou, retrocedeu, e achou-se ao

mento de cólera, a menor explosão de raiva, ainda contra o Destino que fôra, de facto, quem lhes marcara os papeis para que da época êles urdissem a suave farça dos seus equívocos.

A própria Fanny se defende de chorar às claras. Vivem os dois no Lodeiro uma vida de sombras, que Camilo nos relata através do testemunho de um criado.

apontar o sol no lugar da Sueima, no terreiro da quinta de José Corrêa de Melo, nosso comum amigo.

Aldravou ao portão da quinta, e mandou pedir ao amigo que lhe mandasse um criado a ensinar-lhe o caminho de Oliveira. José Corrêa de Melo, adivinhando o successo, a que não era de todo estranho, correu ao pátio, e encontrou José Augusto a estorvar-lhe o passo, receando que êle se dirigisse a cumprimentar Fanny, que o esperava afastada. O meu amigo quis evitar que a pobre menina fôsse vista com os vestidos espedaçados, e quási descalça, das asperezas do trilho por entre pinhais. Ainda assim José Corrêa pôde vê-la encostada ao peitoril de um tanque, fitos os olhos na queda da água, com uma carteira na mão: eram as cartas de José Augusto.» *(No Bom Jesus do Monte).*

São horas tristes as suas, naquela casa também de si triste, tumular, e onde êles são como espectros, mutuando-se palavras sem voz, almas inumadas em estátuas, votando-se, em troca do seu ressentimento, o pior:—uma presença de coisas, e sempre representando para o seu orgulho!

Eu creio que ninguém conheceu melhor até que ponto a honra pode comportar a infámia com que estranhos se dêem a enchê-la, do que a pobre Fanny.

E, contudo, José Augusto jamais foi infame, como jamais o fôra a geração de que o seu drama se complicou.

O que em todos havia era o pruído de uma convencional honestidade, que fez dos amorosos do tempo uma espécie de cavaleiros negros do amor, género-Othello, entre líricos e doidos, doentes imaginativos, buscando e colhendo, instintivamente, a sensação do mal, e sempre vivendo da aventura a parte mais desgraçada, mais tétrica!

José Augusto realizou, no género, um dos mais curiosos tipos de sensibilidade; e,

no que importa à delicadeza da sua desafortunada compreensão de vida, foi um delicado até à loucura!

É esta loucura que principalmente nos interessa, pois que nela tregeita a mais dolorosa ficção.

De facto, foi êle um comediante sincero da sua dor, a dor do seu orgulho, complicada do lôdo e da literatura do tempo.

Êle próprio foi um literato, poeta de álbum, à maneira dos demais janotas românticos; fundamentalmente, um tímido; um hesitante, de alma repassada daquela filosofia indecisa dos fracos: — os que não procedem mais do que reflexamente, e dos quais o momento moldou ao acaso um desgraçado, donde uma circunstância anterior tanto poderia ter plasmado um santo como um criminoso.

Assim, êle é bem a sua época, ainda no seu desenho mais pungente, e daí o valer, como doido romântico, um tipo acabado, perfeito.

Mas não nos antecipemos à sua própria história.

Efectivamente ali mesmo, a dois passos do Lodeiro, havia êle encontrado um magnífico padrão do seu futuro drama.

Fôra o caso de que uma noite, horas altas, apareceram na residência do abade de Santa Cruz dois desconhecidos, pedindo para que o sacerdote fôsse ouvir de confissão uma moribunda que se abrigara num pardieiro, ao tempo abandonado, da Quinta de Tojeiro ([1]).

Levantou-se o abade e foi socorrê-la. Encontrou uma mulher nova, que logo se deu a confidenciar-lhe os seus pecados.

Durou três quartos de hora a confissão, segundo o testemunho do sacerdote, que pouco mais sôbre o caso pôde dizer, fechado no segrêdo do sacramento que fôra ministrar;

([1]) Era uma dependência da casa de Vila Nova que foi de Eça de Queirós, hoje demolida.

e depois do qual os dois homens que o haviam rogado o convidaram a deixar-se amarrar, para que permanecesse ali até de manhã.

Perto, noutra sala, passeava mensuradamente um embuçado.

Seguro o abade, todos retiraram, a mulher em lágrimas e pedindo ao prêso a sua derradeira absolvição!

Eis o caso, aliás na aparência simples, e de que o povo, sem conhecer Shakespeare, logo compôs um *Othello!*

Senão vejamos a scena final do último dêstes dois dramas, por melhor os aproximarmos:

OTHELLO

Rezou esta noite, Desdemona?

DESDEMONA

Sim, meu senhor.

OTHELLO

Se se recorda de alguma cousa até agora não perdoada pelo céu, implore já o seu perdão.

DESDEMONA

Ah! meu senhor, que quere dizer com isso?

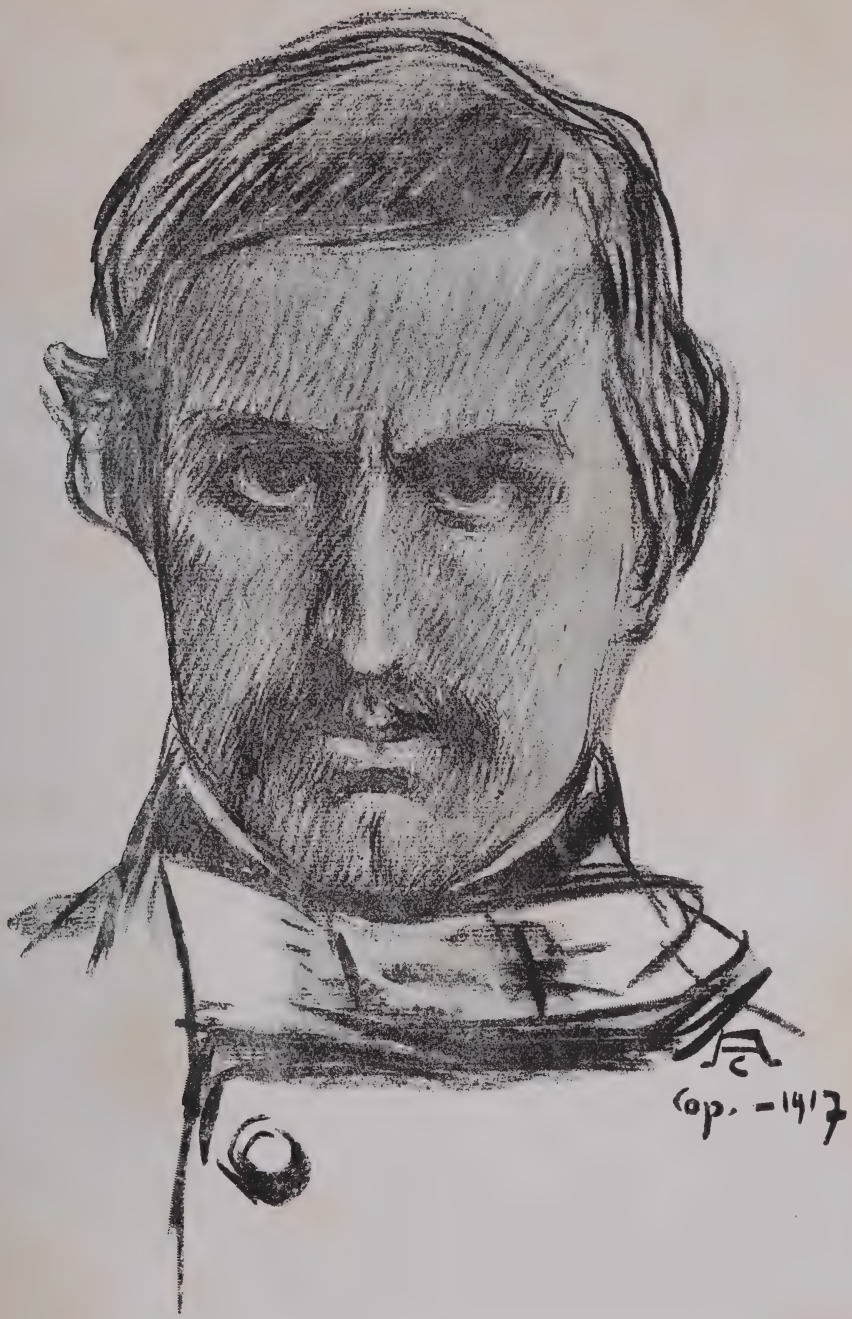
OTHELLO

Vamos! fá-lo e sê breve; eu passeio por aqui: não quisera matar-te o espirito em pecado; não! o céu não o permite.—Não quisera matar a tua alma (1).

Aí estão os dois casos e nêles uma só época, porque é de notar que Shakespeare foi exumado do silêncio de que o rodearam as próprias sombras da sua idade—pelo Romantismo!

Shakespeare no casarão escuro de Santa Cruz; um drama seu autêntico, a dois passos

(1) *Othello.*



JOSÉ AUGUSTO PINTO DE MAGALHÃES

(Fanny Owen e Camilo).

do Lodeiro; a sua repercussão na alma de José Augusto, um delicado e um doido, espírito forte só na fatalidade, nos prejuízos, e, sempre, deixando lavrar, ao acaso, no peito, as raízes do seu zêlo...

— E Fanny?

Pobre dela! A sua vida é misteriosa tempestade! E que tempestade! — o vendaval surdo que, uma a uma, lhe vai crestando as menores esperanças, até que em nove meses, que tanto durou o seu cativeiro, a prostrou de vez.

Conta Manuel Negrão que quando, no Pôrto, êle fôra visitar Fanny, ao *Hotel Barthès,* onde ela chegara em estado desesperado, — já não era mais do que um espectro, cuja proximidade, lhe deu logo, a sensação enjoativa do cadáver!

E, entretanto, é então que o Romancista melhor se denuncia nas reminiscências do seu longínquo amor por ela!

«Neste momento, diz êle, odiei José Augusto; parecia-me que via nêle, ao lado da vítima, um impossível carrasco.»

E mais:

«Não tive mão de mim, e pedi-lhe contas da formosura dos vinte e três anos, da vida radiosa de Fanny Owen» ([1]).

É também neste lance que José Augusto pela primeira vez informa Camilo de que havia recebido o maço das cartas de Fanny para o espanhol.

E, aludindo a estas:

—«Mataram-na a ela, e mataram-me a mim...»

Antes, dissera-lhe, uma vez, na Foz:

—«Fanny é minha irmã.»

Mal esperançado, projecta ainda a cura da mulher, agora irremissìvelmente perdida.

Quere ir para Vilar do Paraíso, e pensa depois em levá-la para a Madeira.

Esta luta é mais um aspecto macabro da sua loucura! Viajar a par da mulher, um ca-

([1]) No *Bom Jesus do Monte.*

dáver, que até aí não soubera senão zelar de uma imaginária falta!

Contudo, há no drama de Fanny um lance que mal se esboça no relato do escritor e que temos por um dos mais notáveis da funesta acção.

É o lance do seu aparecimento a Camilo, na saleta do *Hotel Barthès* — quando ela se apercebe do efeito doloroso da sua presença na alma do escritor que, diante dela, «esmagava os olhos para estancar as lágrimas que lhe desbordavam da enchente do coração...»

É a última hora de Fanny, quando ela lhe aparece na casa das visitas, leve, com rumores de fôlha sêca, avançando até êle no seu ar de boneca lúgubre, prêso da máscara o riso frio da caveira, a falar-lhe:

—«Cuidei que me não conhecia, mas se há de assim chorar, melhor fôra que me não conhecesse!...»

Perto, duas testemunhas, ainda comparsas do seu extravagante melodrama: — Manuel Negrão e Camilo!

Ela esforçando-se, lutando pelo seu *derradeiro acto,* e falando-lhes, a êles, seus cúmplices de *sempre,* esforçadamente, penosamente, como quem usa já palavras de outro mundo, e sorrindo ainda...

Foi breve o acabamento de Fanny, em Vilar do Paraíso, a 3 de agosto de 1854.

Pobre Fanny! Tão infeliz que nem sequer tivera a consolação última de *Desdemona,* da qual havia sido suave contrafacção.

Ao menos esta pedira para a derradeira hora, que lhe deitassem na cama os lençóis do seu noivado!

A mal-aventurada Fanny nem isso podia pedir! Não tinha tido noivado...

Tudo pureza à roda dela, uma pureza que se espraiou de desgraça até final, e José Augusto zelou a ponto de lhe exumar do peito o coração, como por verificar os afectos que ali tivessem gelado!

De resto, uma variante requintada das grandes peças do tempo: — na mão, em vez

da caveira, de um pedaço de osso, um saco de sangue!

E êle, de olhos atentos nos grandes modelos, e sempre representando para si próprio: —primeiramente, a transfiguração do *Othello*, por fim a pioramento do *Hamlet!*

Entanto, Fanny desce ao jazigo, em urna de cristal, e a capricho envolta, se não na sua cama de noiva, pois que a não tivera, nas alvíssimas holandas do seu leito de virgem!

Foi para a cova «pura, como se nunca tivesse saído do regaço de sua mãe» — contou a Camilo o médico que a embalsamou!

E José Augusto?

«José Augusto, informa documentadamente o Snr. Alberto Pimentel, faleceu a 24 de setembro de 1854, em Lisboa, na hospedaria da D. Luísa, na travessa de Estévão Galhardo, onde, anos depois, se estabeleceu o *Hotel Universal*. Teve um fim trágico. Naquele mesmo hotel estavam hospedados

Hugo Owen, irmão de Fanny Owen, hoje Barão de Pero Palha, meu particular amigo, e sua esposa. José Augusto, que tinha chegado doente, no vapor Pôrto ([1]), logo que soube que estava ali Hugo Owen, foi atacado de febre cerebral. Nas suas *memórias* inéditas, que me confiou, conta o Barão de Pero Palha as horas horríveis que passara, ouvindo gemer, num quarto próximo, aquele que considerava o verdugo de sua irmã. Falecendo José Augusto, justamente no dia em que se completava um mês que Fanny Owen falecera. A estalajadeira, D. Luísa, pediu à esposa do Barão que lhe emprestasse vinte libras para ocorrer às despesas do funeral do hóspede. A boa senhora, coração angélico, intercedeu com o marido para que consentisse no empréstimo. O Barão, que é um nobilíssimo carácter, cedeu. «*Depois do entêrro, diz o Barão nas suas «Memórias», abriu-se o baú*

([1]) Deve ser engano. Segundo um documento adiante impresso chamava-se *Cysne* o barco em que do Pôrto seguiu para Lisboa.

judicialmente, e D. Luísa veio entregar à Sílvia (o nome de sua esposa) o dinheiro que ela lhe tinha emprestado. Aqui está, como na realidade eu emprestei o dinheiro para ser sepultado o verdugo... de minha pobre irmã Fanny Owen!»

Com esta transcrição se esclarece o destino final de José Augusto, do mesmo passo que cancelamos uma nota do Romancista, que o Snr. António Cabral, no seu *Perfil de Camilo,* transcreve da margem de um álbum que pertencera àquele.

Dessa nota, concluir-se-ia que o Barão de Pero Palha, quando da morte do marido de Fanny, se havia eximido a interferir no seu entêrro; quando, pelo contrário, foi êle quem, por intermédio de sua esposa, primeiramente lhe pagou os funerais.

Bem mais interessante e acaso mais sentida é uma outra observação, ainda para aquele mesmo livro trasladada do precioso álbum do marido de Fanny.

É aquela em que Camilo nos informa, àcêrca de José Augusto, em traços amargos: —*descendente de epilépticos e doudos, com um aspecto scismático, byroniano, admirado pelos tolos.*

E mais, noutro lugar do mesmo álbum, referindo-se a Fanny Owen e José Augusto: —«*Veja-se o livro no Bom Jesus do Monte, onde o problema dêstes dois desgraçados recebeu uma pequena luz* (1)».

Eis Camilo a escrever, com sinceridade, nas *Páginas íntimas* (é êste o nome do manuscrito), porventura com amor ainda não de todo desbotado por Fanny, o que mais sinceramente daquele pensava.

Porque, quanto ao seu drama, temos para nós que êle escrevera o mínimo do que podia informar; e daí também o ter resultado de tudo o que dêle nos deixou muito pouco, *uma pequena luz,* como sinceramente, e por último, confessou.

Contudo, vê-se que do caso êle tinha o

(1) *Perfil de Camilo,* por A. Cabral, 1914.

segrêdo inteiro, a sua íntima e verdadeira luz!

Àcêrca de José Augusto escreveu o romancista, numa hora de piedosa rememoração:

—«*Foi o homem mais infeliz que ainda conheci; aquele homem de estrêla funesta e de tristeza cerrada, que depois que embalsamou a mulher e a fez ir depositar na igrejinha contígua ao velho solar dos Camelos, em Vilar do Paraíso, se encerrou, com um sacerdote, por espaço de oito dias*»; depois do que saíu para Lisboa, sobrevivendo um mês certo à morte da mulher! (1)

Naturalíssimo tudo como *cliché* da época!

Depois da morte de Fanny, a de José Augusto, num quarto próximo ao do Barão de Pero Palha, em um hotel de acaso, só, longe do primeiro palco dos seus amores, como das suas torturas, e isto, a prazo curto, dias passados sôbre a inumação da mulher, corrido o tempo preciso para êle preparar a alma para

(1) Camilo, *No Bom Jesus do Monte.*

a partida, e desarrumar-se do mundo, onde lhe pesavam as saudades dela...

Que melhor, mais verosímil história, ainda como obra de Arte, podia afinal ajustar-se do Tempo?

E, também, que outro dramaturgo que não fôsse Camilo podia extraír dêste um melhor drama?

É que, efectivamente, «por fatalidade da sua má estrêla» êle não só interferiu no estranho caso, mas, mais ainda, sem querer, se achou preso a tudo; como de tudo, foi uma espécie de extravagante contra-regra, desde a obtenção das cartas, até final, até à tocante scena da presença de Fanny no *Hotel Barthès*, no Pôrto, ainda de si tão empolgante que, a êle próprio, o fez chorar!

Eis, em último lance, a história de um dos seus mais notáveis dramas:—um motivo da mais real e extremada acção, e, também, um capítulo de literatura viva, como, entre nós, de maravilha seria encontrar outro!

É que José Augusto, como Fanny, como o próprio Camilo são, no caso, despida a si-

nistra solenidade da sua forçada tarefa de cómicos dos seus equívocos, os simples actores, mais que de um íntimo melodrama, da irreprimível farça do Tempo, — ou tenha sido a mesma a cujo pêso, afinal, vergaram todos!

DOCUMENTOS

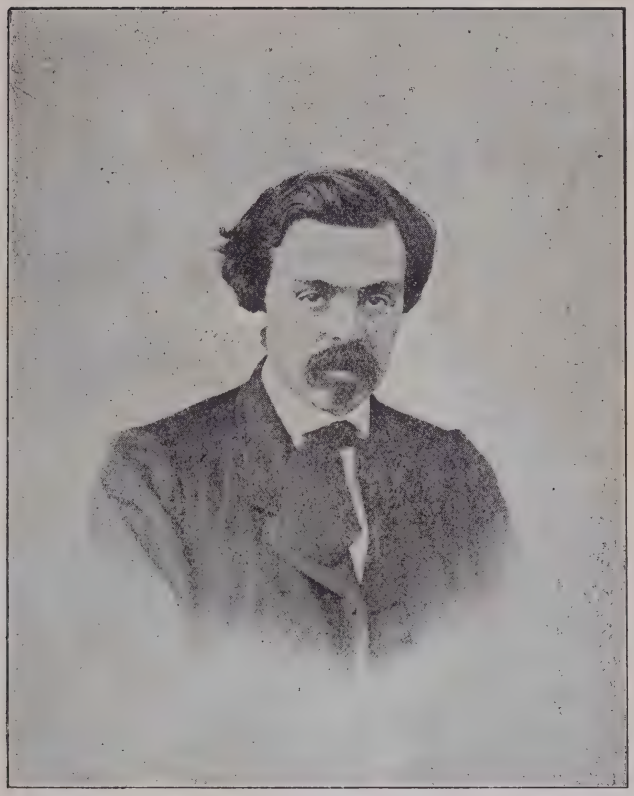
Pois que da correspondência de José Augusto de Magalhães com Manuel Negrão e Raimundo Borges de Medeiros partimos para as presentes notas, dá-la hemos, na parte em que documenta a grande paixão de José Augusto por sua mulher e que, sobretudo, é expressa das cartas dirigidas ao irmão, primeiramente quando aquela se encontrava doente em Vilar do Paraíso, participando-lhe que a julgava irremissìvelmente perdida; e, mais tarde, a propósito da sua retirada para Lisboa, depois que ela morreu, confidenciando-lhe para Santa Cruz o seu doloroso estado de alma.

As cartas que vamos publicar, além da

que é dirigida a Manuel Negrão, fazem parte do arquivo particular da casa da Capela, que foi de Raimundo Borges, e pertencem a um precioso *dossier* que obsequiosamente nos foi confiado pelo distinto médico e nosso querido amigo Dr. Abel Brandão Leite Pereira Cardoso de Menezes, hoje senhor da Casa, como representante de sua tia D. Josefa Clementina Teixeira Pinto, cunhada de José Augusto.

Há, ainda, no maço que acabamos de fechar cartas da própria Fanny, de sua mãe D. Maria Rita da Rocha Owen, de José Corrêa de Melo da Silveira, íntimo de José Augusto; e, finalmente, dêste, quer para seu irmão, quer para sua cunhada, e todas elas, no geral, referentes ao último acto da vida de Fanny Owen.

Entretanto, pareceu-nos cedo para revelar das suas fôlhas alguns dos sentimentos que dali se vêem ou adivinham e que, a despeito da superioríssima delicadeza que os transfigura, nos serviram a melhor compreender a acção que mal tentamos reconstituir, ou seja



MANUEL NEGRÃO

todo um drama do mais magoante e exquisito interêsse, adrede tecido na imaginação de José Augusto por seu doentio escrúpulo.

Dêste escrúpulo partiu, a bem dizer, toda a sua desgraça, a mesma que dividiu com Fanny, que foi, também, por certo, à memoração dela que, a propósito de um qualquer caso, escreveu a sua cunhada as seguintes e quási desesperançadas palavras:

«—*Mas Deus sabe o que faz, e mais tarde êle dará a compensação dêsses imerecidos sofrimentos...*»

Também a Raimundo Borges interrogava José Corrêa de Melo da Silveira, numa carta, sôbre a morte de José Augusto, da extravagante forma seguinte:

«—*Seja-me lícito preguntar-te se sabes com exactidão os pormenores de tal acontecimento: nunca me deliberarei a crer que nêle não houvesse alguma coisa de extraordinário; dize-me o que souberes*» ([1]).

([1]) Em 22 de Outubro de 1854.

Estranha pregunta a que Raimundo Borges, de certo, não respondeu, e à qual, antes que quisesse, não saberia responder.

Se o caso de José Augusto não foi mais do que uma tragédia que o tempo da sua anormal sensibilidade urdiu, sem que êle próprio soubesse mais do que referir os seus fatais efeitos!

Isto mesmo provam as cartas que a seguir publicamos, todas elas alusivas à doença e morte de Fanny, a par de outras que temos de reserva, aliás não por menos interêsse que pelos justificados melindres que de sua evidente intimidade resultam.

O que vai ler-se não é, pois, pròpriamente um novo esclarecimento à vida de José Augusto: são as suas confidências com a mesma desgraça que o empolgou; ou, melhor, é a sua dor mal escrita, pois que jamais alguém logrou grafar com exactidão a tragédia viva dos seus desgostos, ainda quando ela possa expressar-se, como no caso das actuais cartas, em verdadeiros gritos.

CARTAS DE JOSÉ AUGUSTO PINTO DE MAGALHÃES

I

A MANUEL NEGRÃO [1]

Tua casa do Lodeiro,
2-4-51.

Meu bom am.º

Recebi a tua cartinha, que muito e muito apreciei.

. . . . . .

Talvez me julgasses no Pôrto. E assim o

[1] Velho amigo e companheiro de Camilo a quem êle se refere, no livro — *Maria da Fonte*, da maneira que segue:

«Filho do desembargador Pereira Negrão e neto do célebre e erudito chanceler-mór do reino, Manuel Nicolau Esteves Negrão, ex-fundador da Arcádia Ulis-

creio pela direcção que deste à tua, mas olha, estou aqui há dois dias. Vim fugido dela; julguei-me *esquecido* e vim para esta aldeia abrigar-me das tempestades que se me acoitavam a esta alma; vim e sofri muito!

A própria noite em que aqui cheguei cui-

siponense, retirou, há vinte e cinco anos do Pôrto para a sua casa solar de Mosteirô, na margem direita do Douro. Entre os rapazes mais prezados, mais cavalheirosamente briosos em que o Pôrto primava nesse tempo, Manuel Negrão era modêlo dos mais selectos. Acercando-se de raros amigos, eu fui um dos mais honrados com a sua estima e confiança desde 1847. Separados pela distância das léguas e dos anos, quando raramente nos encontramos, sentimos remoçarem-se por momentos aqueles dois rapazes, nada românticos, em pleno romantismo, que endureciam o corpo em passeios a cavalo de dezoito léguas, até Coimbra; e êle se lhe pruiam saudades, metia de esporas e ia ali abaixo até Lisboa, visitar sua avó, a sr.ª viscondessa de Magé, ou os seus primos, os Teixeiras, da Pampulha. Eram assim os duros marialvas antes do sibaritismo da mala-posta e da estúpida celeridade da via férrea. E nos intervalos dessa gimnástica restaurante, amolentávamos a alma, recitando, com

dei morrer; já me não lembro de ter sofrido tanto!...

E hoje não tenho frases com que te possa desenhar as torturas por que passou esta alma!

Quando retirei do Pôrto escrevi-lhe e di-

muita ternura, as poesias lacrimáveis dos menestreis contemporâneos, quási todos da rua das Flôres. Ás vezes apeávamos dos nossos fouveiros à porta das tabernas, donde vaporavam chanfanas predilectas, e digeríamos com as estrofes da *Lira poética* as coladas rescendentes de colorau. Eu vim daí, de cólica em cólica intestinal, até esta ruína gástrica que sou hoje. Manuel Negrão está forte, muito surdo como em rapaz, donoso cavaleiro como sempre, e sobretudo rejuvenescido pelas delícias de avô, as delícias da família que lhe foram toda a vida as supremas.»

Pouco mais há a acrescentar acêrca de Manuel Negrão, tal a justeza de Camilo nêste seu retrato.

De seu avô, Manuel Nicolau Esteves Negrão, desembargador-mór do Paço e chanceler-mór do reino, poeta do século XVIII, informaremos que êle morreu, de bastante idade, em 1824, tendo sido, efectivamente, co-fundador da Arcádia e adoptando nela o nome de *Almeno Sincero*. Foram seus colaboradores nesta fun-

zia-lhe:—«as scenas reproduziram-se, e eu sou hoje o mesmo J. A. em 1851 que era em 1849 ([1]). Ainda me lembro o dia em que saí desta cidade para não ver a tua imagem, que me aparecia em toda a parte, não como anjo salvador, mas sim... silêncio!»

dação Teotónio Gomes de Carvalho e António Dinis da Cruz e Silva. Com êste compôs Negrão uma Écloga para celebrar a festa do Natal, em versos hendecassílabos, que se encontram insertos nas obras de Dinis, e que são também os únicos que de sua autoria foram publicados.

Manuel Nicolau Osório Negrão morreu há poucos anos.

Continua hoje a sua casa o neto, Luís Marcos Leite Negrão, a cuja amabilidade devemos, com a cópia da primeira série de documentos que abre um dos nossos últimos livros — *(Camilo inédito anotado)* — a carta adiante publicada de José Augusto Pinto de Magalhães.

([1]) Data em que J. A. e Fanny se conheceram. Quanto às «scenas» a que se refere, podem talvez ser episódios de Vilar, entre êle e a irmã de Fanny, e de que êle se desculpava perante esta, afirmando-se o mesmo de quando a conhecera.

Escrevi e logo me pus a caminho; mas que temível resolução! Eu não sabia que saía do purgatório e ia para o inferno. Passei aqui horas como mais horríveis as não passa o condenado! Cuidei não só morrer moralmente, mas que êste corpo em breve seria cadáver. Eu não espero lenitivo, nem mesmo esperava refúgio; queria morrer ou viver para ela.

Fôra esquecido, nada me restava do mundo; a religião susteve-me o braço de suicida, e eu mesmo esperava acabar em breve, sem cometer um crime!

E agora estou melhor, muito melhor, e sabes tu porque?

Eu tinha deixado aquele anjo, que é a vida da minha vida. Quando leu a carta de despedida ficou «meia morta; fugiu-me, diz ela, todo o sangue das veias; não sei que senti, mas pensei que ia morrer».

. . . . . .

Acompanha-me que o meu coração é limitado para esta compaixão pelo seu padecer!

Quando falarmos hei de contar-te toda esta história! É sublime de sentimento!

Ouve mais:

«Bem conheço que apesar de estarmos perto, estávamos longe, mas ao menos tinha a consolação de te ter na mesma cidade, agora!... Deixaste-me, o que sei eu de ti? Nada... O que te importas de mim? Nada...»

Esta carta foi inspirada pelo sofrimento e pela dor: — hoje deixar de amar seria um crime, mas eu ainda que quisesse não podia. Tu mesmo me retiravas a tua amizade?

Depois disto lê-se no fim da carta: — «vem, vem, de joelhos to peço...» Que farias tu?

Eu preparar-me hei, para o caminho do Pôrto; é o que tenciono fazer. Pois se eu sei que a vou encontrar triste, como a carta que ela me escreveu!

Lá espero notícias tuas. Dize-me quando vens, e guarda esta longa carta, que um santo penhor de amigo e amizade te oferece. Guarda-a!

Peço os meus recados ao J. G. e tu dispõe do teu am.º

J. A.

II

A RAIMUNDO BORGES

Caro Raimundo:

Desejo que chegasses bem e o mesmo apeteço a tua esposa.

Estou em Vilar na mesma casa, onde já estive há dois anos! Vínhamos ver se êstes ares produziam milagres, mas ainda não conheci o que tanto ambicionava...

A Fanny não tem desejo de sair daqui e neste caso não sei o que deva fazer.

. . . . . .

Dize-me como vais. Eu sofro muito.

Adeus. Teu irmão e am.º

26 de Junho.

José Augusto.

Meu caro Raimundo:

Recebi a tua carta que muito apreciei. Continuo em Vilar; por enquanto as melhoras de Fanny são poucas.

Deus lhas dê para felicidade dela e minha.

Ela muito se recommenda e pede desculpa de não poder escrever à tua cara Espôsa.

. . . . . .

Eu estou vivendo mal com receios do fim de tudo isto!

Adeus, crê sempre no teu irmão

muito am.º e obrig.do

Vilar, 8 de Julho.

José Augusto.

Meu caro Raimundo:

Recebi a tua carta que deveras apreciei. Não te dou boas notícias da minha querida Fanny; está muito mal. Hoje não tenho espe-

ranças. Creio que a sua existência não será larga!

. . . . . .

Não sei como ficarei depois dêste golpe. Adeus, não posso ser mais extenso.

Teu irmão e amigo

Vilar, 2 de Agosto.

José Augusto.

Meu caro Raimundo:

Confirmou-se a grande desgraça...

Estou o homem mais infeliz do mundo!

Não sei, mas creio que nunca mais acharei felicidade na terra; oxalá, ao menos, eu me possa resignar!

Quando o Pereira voltar parto para Lisboa; de lá veremos...

Adeus, dá recados a tua espôsa e sê mais feliz do que sou.

Teu irmão e am.º

Vilar, 6 de Agosto.

José Augusto.

Meu caro Raimundo:

Recebi a tua carta que muito me penhorou. Nesta posição nada há que minore o meu sofrimento!

Eu creio que esta ferida não poderá cicatrizar.

. . . . . .

Tenho vivido só! O reitor desta freguesia faz-me às vezes companhia, e eu vou tratando de iludir os meus sofrimentos, mas esta ilusão dura pouco! Enfim, mau foi que isto se desse, porque daqui em diante a vida há de ser-me pesada!

Tenciono ir para Lisboa por terra mas antes dar-te hei parte. Por todo este mês vou. (Já vês que não é tão pavorosa a partida.)

Como viverei êste ano, lembrando-me do ano passado!

E como hei de eu esquecer-me!

O mundo é isto; a vida comporta destas alternativas, mas eu fui muito infeliz!...

Adeus, dá-me notícias tuas e agradece por

mim a tua espôsa a sua atenciosa carta, a que peço desculpa de não responder por que a pressa do correio e o meu estado não o permitem.

Teu irmão e am.º

Vilar, 12-7-54.

J. Augusto.

A CASA DO LODEIRO

(Fanny Owen e Camilo).

III

A D. JOSEFA CLEMENTINA TEIXEIRA PINTO (1)

Recebi a sua carta que muito apreciei. Sou-lhe grato pelo seu cuidado, e quanto ao meu estado de saude vae muito mal; mas os sofrimentos morais são maiores!

Tenho procurado, não esquecer-me, mas suavisar esta dor... Tudo inutil!

Logo que possa vou para Lisboa, e, de-

(1) Era a mulher de Raimundo Borges e, como acima afirmamos a companheira e íntima de Fanny, pelas longas noites do Lodeiro, e à qual Camilo também alude algures, com o melhor elogio, pois a tinha conhecido quando hóspede do cunhado de José Augusto, na Casa da Capela, em Santa Cruz, onde escreveu o conto: — *O sobrinho egresso e o tio bacharel.*

pois, de lá escreverei. Os meus recados ao Raimundo. Muito desejo que êle vá melhor.

Disponha do seu m.^to grato am.^o

Vilar, 28.

José Augusto.

Vou hoje para Lisboa no *Cysne*. Sinto-me mal de corpo e alma.

Dê muitos recados ao Raimundo, e que o espero em Lisboa.

Ofereço-lhe o meu e o retrato da sua amiga.

. . . . . .

Eu não posso ser amigo senão dos que respeitam a memória daquele anjo!

Apenas chegar escrevo.

O outro retrato peço-lhe que o coloque na sala de visitas onde antigamente estava.

Seu m.^to grato

Porto 9-9-54.

J. A.

ÍNDICE

Dedicatória 7
Fanny Owen e Camilo 11

DOCUMENTOS

Cartas de José Augusto Pinto de Magalhães:
I — A Manuel Negrão 45
II — A Raimundo Borges 51
III — A D. Josefa Clementina Teixeira Pinto . . . 57

ACABOU-SE DE IMPRIMIR
NA EMP. INDUSTRIAL GRÁFICA DO PÔRTO, L.DA,
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,
AOS 10 DE FEVEREIRO DE 1925.

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00050752906